

OS DEZ DESMANDAMENTOS

O presente texto, em cujo título usei a palavra “desmandamentos”, fala, essencialmente, dos “desmandos” dos terráqueos comuns, como eu e como você, leitor/a. Dediquei-me a escrevê-lo entre Setembro de 2006 e Fevereiro de 2007. Entretanto, porém, muita coisa aconteceu, e outros projetos de livros foram surgindo de parceria com Esmeralda Rios. Assim, só em Junho de 2011 tive disponibilidade para lhe fazer uma revisão e cuidar da publicação.

E, por falar em “Esmeralda Rios”, não se admire de ela aparecer como coautora, apesar de esta obra ter sido escrita por Vitorino de Sousa. A razão prende-se com o facto de nos relacionarmos, a todos os níveis, como se anuncia em certas pastas dentífricas. Ou seja, dois em um!

Gostaríamos de agradecer à nossa amiga Flora, das Edições Maitreya, que se disponibilizou para tratar dos trâmites da publicação e distribuição; a Isabel Lopes pela sua colaboração na revisão; a Miguel Bartolomeu pelo seu trabalho de concepção da capa; a Mário Brito pela paginação e precioso apoio.

Em alguns dos escritos divulgados anteriormente, nomeei o leitor/a de várias maneiras. Aqui, em homenagem a quem, desta vez, escolheu nascer no género feminino, e que sempre está em maioria nas reuniões, seminários, palestras e cursos dedicados a temas ditos espirituais, irei chamar-lhe... Deixa cá ver... Olhe, por causa do País das Maravilhas, vou chamar-lhe Alice.

Não será D. Alice (parece nome de sogra), nem será Sr.^a Alice (parece nome de irmã de sogra). Não. Será, simplesmente, Alice. Quer isto dizer que os “Alice” masculinos vão ter de encontrar uma maneira de lidar saudavelmente com esta inesperada situação.

Em escritos anteriores tenho tratado a Alice por tu. Aqui, não sei muito bem porquê, senti que tinha de usar um tratamento mais cerimonioso. Assim do género:

- Imagine, cara Alice, o que você se vai divertir ao ler as páginas que se seguem!

7º Mandamento

Não furtar

Não sei se a Alice sabe mas, em tempos, eu fui ator. Mesmo correndo o risco de este capítulo se tornar demasiado autobiográfico, sempre lhe digo que o apelo do palco começou quando eu tinha cerca de 18 anos. Mentira! Lembrei-me agora: a primeira vez que pisei um palco foi quando andava no Ciclo Preparatório, na Escola Francisco de Arruda, em Lisboa. Não sei o que me deu para aderir ao coro da escola. A verdade é que, por decisão do professor, ensaiei um dueto com outro puto e, nas habituais apresentações de sábado, lá nos expúnhamos, com o coraçãozinho aos pulos, naturalmente. Na plateia, ainda por cima de frente para nós, alinhavam-se uma data de fedelhos vestidos de piolho verde - que era o nome que se dava a quem usava a farda da Mocidade Portuguesa. Tresandava a Juventude Hitleriana. À tarde, todos aqueles mancebos formavam fileiras no pátio principal da escola, para receberem “instrução” à boa maneira da juventude nazi, marchando ao som de tambores e tudo. Consegui evitar esse tipo de instrução paramilitar, inscrevendo-me nas aulas de solfejo do professor de Canto Coral, onde recebia outro tipo de instrução.

O apelo do palco começou, realmente, quando eu tinha 17 ou 18 anos. Nessa altura andava bastante envolvido com as atividades das distintas secções do Clube de Campismo de Lisboa, sendo que uma delas era, precisamente, o Grupo de Teatro. Representávamos quase sempre ao ar livre, durante os acampamentos, o que era uma chatice cada vez que havia vento. A agitação dos pinheiros gerava uma barulheira tal que nos obrigava a gritar quando a encenação pedia comedimento. Isto durou até à idade do serviço militar, situação que tive de aguentar durante três anos e meio.

Anjinhos: Fazes o favor de não dizer mal, pois poderia ter sido muito pior.

Escritor: Não estou a dizer mal!

Anjinhos: Pois! A gente bem te conhece. Já não te lembras que tinhas a especialidade de enfermeiro e que, apesar da guerra, foste mobilizado para Cabo Verde?

Escritor: Claro que me lembro. Até costumo dizer que me saiu a sorte grande com essa mobilização.

Anjinhos: Não tenhas dúvidas. Estivemos a proteger-te até onde foi possível, para que, agora, pudesses fazer o que fazes.

Escritor: Ah foi? ... Bom... Nesse caso...

Anjinhos: Bem podias mostrar um pouco de gratidão pela proteção que te dispensámos nessa altura. Não é que precisemos que nos agradeças, mas fazia-te bem se agradecesses.

Escritor: Pronto, está bem... Obrigadinho!

Anjinhos: Ora essa!

Quando regresssei dessa aventura ultramarina, acabei por ir parar ao Teatro Maria Vitória, de uma forma que não interessa agora. Ator de revista, imagine-se! Depois, tive uma experiência de teatro televisivo. Logo após o 25 de Abril de 1974 criei e orientei um grupo de teatro na empresa onde trabalhava, com o intuito, altamente revolucionário, de levar a arte da representação às populações carenciadas de Lisboa e arredores. Demos-lhe o nome de Grupo de Teatro Tralha, por razões óbvias a qualquer grupo de teatro itinerante. A experimentação de quase todos os géneros teatrais acabou numa prestigiada companhia de teatro independente de Lisboa. Era aqui que eu queria chegar, para contar uma história - verdadeira - relacionada com a tendência que certas pessoas têm para surripiar aquilo que não lhes pertence. O que se passou foi o seguinte:

Durante o período em que colaborei com aquele grupo de teatro, tive a oportunidade de violar, descarada e intencionalmente, um mandamento que eu desconhecia ser o sétimo. Acontece que, no elenco da peça que estávamos a preparar, havia um ator que passava a vida a chatear toda a gente e a meter o bedelho nas orientações do encenador, como se ele fosse uma espécie de assistente de encenação. Ora, a criatura tinha uma lapiseira muito jeitosa. Azul, toda sofisticada! E eu, que sempre tinha sido pobrezinho, coitadinho, fiquei com o olho colado naquele bocado de plástico e lata, de tal forma que, um dia, sem que ninguém visse, passei a chamar-lhe minha. Foi uma espécie de castigo para as atitudes empinadas daquele vaidoso!

Lapiseiras, lápis, canetas, guarda-chuvas e outros objetos de uso comum costumam ser coisas que se perdem com uma facilidade danada. Todavia, Alice, aquela lapiseira permaneceu comigo muitos anos. Cada vez que a via, lembrava-me de como a obtivera e, confesso, não me sentia lá muito bem. Mas, como não havia meio de ela desaparecer do meu acervo de material de escritório, sempre aliviava a consciência dizendo que a minha falta não devia ser assim tão grave. Se fosse, eu já teria perdido a lapiseira ou outro invejoso já me teria feito o mesmo que eu fizera àquele pobre ator principiante.

Os anos foram passando. Para ser mais preciso, 24. E a fiel lapiseira sempre comigo. Lembro-me de deixar de a ver durante algum tempo, altura em que pensava que, finalmente, ela tinha partido. Mas, depois, num dia de arrumações e depuração do lixo acumulado, lá dava com ela no fundo da gaveta. E lembrava-me do episódio! Às tantas, comecei a desconfiar que aquele objeto manifestava para comigo uma fidelidade canina, não porque gostasse de mim, mas por saber que, cada vez que eu a via, os remorsos chocalhavam dentro do coração, como grãos de milho dentro de uma lata. Era a forma que a desgraçada encontrava para me castigar!

Um belo dia, vinha eu de comboio de regresso a Lisboa, quando aconteceu uma coisa assombrosa: o antigo dono da lapiseira entrou na carruagem! Como seria de esperar, voltei a lembrar-me do que se passara na sala de ensaios do teatro. Eu não sei se Alice já se apercebeu de que nós temos um secretário interno, que não nos deixa esquecer o rol dos disparates que fizemos. Pois foi esse manga-de-alpaca psíquico que, imediatamente, tocou a campainha para me avisar de que o assunto não estava encerrado. Contudo, quem me disse que eu devia aproveitar a oportunidade para resolver a situação, não foi o safardana do secretário silencioso, foi aquela parte a que alguns gostam

de chamar “anjo”. Tudo bem. Então, enquanto o Vigilante Sombrio me atazanava o ouvido esquerdo, dizendo que eu fizera bem em roubar a lapiseira, o Anjo sugeria-me, no ouvido direito, que eu deveria aproveitar a ocasião para, finalmente, extirpar aquele antiquíssimo quisto do meu passado.

Foi aí, perante a possibilidade de ir falar ao viajante acabado de entrar no comboio, que os remorsos chocalharam ainda mais, e o coração, coitado, disparou, como se tivesse acabado de suportar um *sprint* súbito. Concordei em aproveitar aquele ensejo de ouro, até porque - ó destino! - 24 anos depois, eu tinha comigo a malvada lapiseira! Abreviando: decidi-me, levantei-me, fui ter com o homem e cumprimentei-o. Ele reconheceu-me. Conversamos sobre banalidades do tipo: “Então, o que é que tens feito”, etc. Às tantas, enchi o peito de ar, contei-lhe a história da anexação da lapiseira, embora de uma forma um pouco alterada. Disse-lhe que, há 24 anos atrás, inadvertidamente¹, durante um ensaio, tinha guardado a sua lapiseira. E acrescentei que, por não nos termos voltado a ver, me fora impossível devolvê-la.² Agora, porém, ali estava ela, muito bem conservada. Entreguei-lha, sorrindo de orelha a orelha, inocentemente. O fulano achou a coisa inacreditável, fartou-se de rir e reconheceu o objeto como seu. Ficámos ali a conversar mais um bocadinho, até que acabei por me despedir. Nunca mais voltei a ver a criatura, nem a malfadada lapiseira. Quando regresssei ao meu lugar, senti um alívio prodigioso. Era uma sensação estranhíssima de missão cumprida. E, até Lisboa, não aconteceu mais nada de especial.

Anjinhos: Querias mais? Não te chegou essa prova?

Escritor: Chegou! Vocês é que escusavam de ter esperado 24 anos, para me ajudarem a resolver o assunto. Imaginam o que eu sentia cada vez que pegava na lapiseira?

Anjinhos: Claro que imaginamos!

Escritor: Sabem o que é que às vezes me apetece? Virar-me para vocês e vociferar todos os nomes feios que conheço!

Anjinhos: Só isso? ... E por que te inibes? ... Ofende-nos como te apetecer! ... Aliás, só te faria bem desabafar essa raiva.

Escritor: Bem, não chega a ser raiva; é mais frustração.

Anjinhos: Pois seja. Chama-lhe como quiseres que o resultado não se altera. Tu podes irritar-te à vontade, já que nós vemos esses desabafos como uma forma de te libertares de grandes doses de frustração. É algo equivalente a partir a loiça, lá em casa, quando as coisas correm mal. É uma descarga que reconhecemos e aceitamos tranquilamente. Repara: não faria qualquer sentido andarmos a sugerir-te para não te irritares com o que outros te dizem ou fazem e, depois, ficarmos aborrecidos quando te irritas por te parecer que não satisfazemos as tuas vontades no prazo em que tu achas que elas deviam ser satisfeitas. Podes dar murros na mesa à vontade, para manifestares a tua insatisfação de, por vezes, as coisas não decorrerem com a rapidez e a ligeireza que pretendes. Irrita-te connosco! Evita a ideia de que a fúria não é espiritual. No nível em que estás, é. Mais acima já não é. Mas, no teu caso, é perfeitamente justificável. Se, como ser humano, dispões da capacidade para lidar com uma enorme gama de sentimentos e emoções, o melhor que tens a fazer é expressá-los como entenderes. É preferível que manifestes irritação em função dos teus próprios equívocos internos, do que em relação ao comportamento dos outros. Se um murro na mesa, acompanhado de um BASTA, te alivia, pois seja. Não te inibas de nos pedir contas! Nunca te esqueças de que nós avaliamos a tua vontade de evoluir, através do grau de

1. É preciso descaramento!

2. Mentira, claro, pois os ensaios continuaram.

saturação que expressas em relação às situações que vais vivendo. Ou seja, se te acomodas e ficas passivo, nós concluímos que te é indiferente evoluir ou não evoluir. Por isso, és livre de virar o punho para as Alturas... de ameaçar... de atirar pedras. Contudo, lamentamos informar-te, as tuas pedras não chegam à nossa dimensão. Além disso, percebemos que tu não estás irritado connosco, mas contigo mesmo. A tua irritação é uma forma de nos dizeres que tens saudades de Casa. As tuas vociferações correspondem a um “tirem-me daqui”, gritado do fundo da alma. É claro que a manifestação da tua força e poder não tem de ser feita aos gritos. Se, numa primeira fase, tiver de passar por esse tipo de atitude, pois seja. Não é pecado. Nem vamos ficar aborrecidos. Nós não amamos! Quem ama incondicionalmente não amua; aliás, quem ama incondicionalmente “não” nada; apenas ama. Então, deixa de lado os problemas de consciência e não sintas remorsos por nos teres ofendido. Nunca ouviste dizer que vozes de burro não chegam ao céu? Isto não é uma desconsideração, evidentemente; é uma frase que costumamos usar. Citamo-la porque vem totalmente a propósito, neste momento. A verdade é que nem tu és burro, nem nós estamos no Céu. Mas tu percebes o que queremos dizer. Não tenhas receio de partir a mesa. Podes até acompanhar o gesto com uma obscenidade. Ao menos, irrita-te por uma boa causa. Utiliza a irritação como combustível para te aproximares de nós. Nós não registamos as faltas de respeito seja de quem for, porque não as vemos. Até no caso daqueles que nos ignoram, maldizem ou depreciam. Lidamos com eles na base do amor, dando-lhes toquezinhos para a direita ou para a esquerda, para que não saiam do caminho. Portanto, quando sentires vontade de barafustar, não fiques com problemas de consciência. É escusado pensar: “O que é que Eles irão dizer? Deixarão de gostar de mim porque lhes falei ao respeito? Preciso de desabafar, mas é falta de educação. A minha vontade é gritar o que não gritei nas últimas 50 encarnações!” Se tens vontade de gritar... grita, homem! É preferível que nos grites do que projetares a tua frustração e raiva sobre os outros. Se sabes que não queres ficar com esse lixo e que não deves atirá-lo para cima seja de quem for, o que vais fazer com ele? Pois atira-o cá para cima! Entrega-o ao reciclador cósmico! Tens de engendrar outro contentor, de outra cor, e juntá-lo aos que já usas na separação do lixo doméstico. Fica sabendo que o lixo cármico também se recicla. E há quem esteja encarregado dessa tarefa. Podes até criar, através da visualização, um anjo reciclador a quem entregas, diariamente, um saquinho com o teu lixo acabado de gerar. Aquilo que tiveres como realidade, será a tua realidade. Não te ponhas a magicar, porém, se o teu lixo vai conspurcar o anjo reciclador! O seu estado de asseio diz respeito a ele, não a ti, que já tens muito com que te entreter. Com isto, apelamos à tua espontaneidade e à capacidade de criares sem restrições e censuras. Descarta-te das ideias acerca do que achas que se pode fazer ou não fazer, do que é lícito ou não, permitido ou não, do que está na lei ou não está. O que não está da lei é ficares onde estás; isso é que é contra a lei! Não há, todavia, uma pena estabelecida para essa violação; sentirás que estás a ser castigado ao reconheceres que permaneces no subdesenvolvimento, cujas consequências desagradáveis classificas, por vezes, como um castigo de Deus.

Escritor: Bom... Que grande discurso!

Anjinhos: De vez em quando lá tem de ser.

Escritor: Tencionam dar-me outra seca?

Anjinhos: Não queres avançar para o capítulo seguinte?

4º Mandamento

Honrar pai e mãe

Anjinhos: Então? ... Não vais continuar com o primeiro mandamento?

Escritor: Não. Agora apetece-me escrever sobre este. Faz algum mal ficar tudo baralhado?

Anjinhos: Não faz mal nenhum. Realmente, a ordem dos fatores é arbitrária.

Escritor: Ainda bem. Então, vamos lá:

Honrar quer dizer: conferir honras a; enobrecer; distinguir. Também significa “respeitar”, termo que, por sua vez, tem como sinónimo “não lesar”. Logo, “honrar” pode significar “não lesar”. Parece-me bem, pois é desagradável causar lesões seja em quem for, principalmente àqueles que concordaram em trazer-nos a este mundo e nos ajudaram a crescer. Contudo, podemos perguntar porque é que a Voz que ditou este mandamento, que aparece em quarto lugar, não ditou outro contemplando o sentido inverso? Sei lá, qualquer coisa como: Honrar filho e filha! A Alice vai pensar que eu estou a fazer este tipo de abordagem à questão dos pais, porque tenho recalcamientos em relação à minha infância e juventude, etc. Está enganada. Os escolhos que surgiram durante esse período foram ultrapassados e perdoados há muito tempo, pelo que estou perfeitamente em paz. Há muito que deixei de me virar contra o vento. Há vários anos que, numa decisão interior silenciosa, fiz aquilo a que se costuma chamar “entrega”, o que significa que abdiquei de certos objetivos e passei a ter em vista outros, de tipo diferente.

A minha leitora pode ainda não ter percebido onde quero chegar na abordagem deste mandamento, mas decerto concordará que a Avenida da Honra tem de ter dois sentidos. A coisa tem de ser válida para toda a gente, não apenas para aqueles a quem os Dez Mandamentos se dirigem. Seja como for, pouco me importa a sua religião. As religiões são vias que a humanidade criou na esperança de recuperar a condição perdida. Não devem, contudo, ser banidas ou combatidas, porque continuam a fazer sentido para quem lhes reconhece utilidade. Cada um no seu grau de consciência. Estou em crer que só neste mundo há religião; noutras, há apenas reconhecimento e identificação com a Divindade. Os templos, se os houver, servem apenas para a exprimir. Ou seja, a adoração transformou-se em agradecimento. Não há altares de qualquer tipo, porque um altar só serve para diminuir os adoradores em relação ao que nele está exposto. Nas civilizações decentes, porque o altar é interno, cada um escolhe Quem coloca sobre ele. Quanto a si, Alice, fará como entender. O que fizer estará certo, desde que tenha a intenção de elevar a vibração deste magnífico planeta e da sua humanidade.

Pessoalmente, parece-me que o preceito de filhos e filhas terem de honrar pai e mãe, está relacionado com fatores sociais da época em que estas sentenças foram ditadas. Nesse tempo admitia-se que os mais velhos eram sábios e, portanto, dignos de honra e respeito. O raciocínio era mais ou menos este: por serem mais velhos detinham mais conhecimentos e sabedoria. Por isso é que os jovens tinham de honrar pai e mãe. Curiosamente, porém, pai e mãe não dispunham de nenhuma diretiva divina que os levasse a respeitar a descendência. Por isso, podiam - e continuam a poder - bater-lhes, abusar deles, violar a sua dignidade e moer-lhes o juízo com as suas manipulações, manias e preocupações opressivas.

Até me admiro como é que Moisés não chamou a atenção da Sarça-ardente para esta situação. Ora! Bem vistas as coisas, é natural que essa ideia não lhe tivesse ocorrido. É fácil imaginar o notável hebreu um tanto ou quanto embatucado com a experiência de estar ali a ouvir uma voz que, segundo o filme de Cecil B. DeMille, impunha respeitinho por parecer vir do fundo de um poço. Toda a gente sabe que um subalterno fica nervosíssimo quando está perante o chefe, mesmo que este permaneça calado. Imagine-se como ficaria o batimento cardíaco de Moisés se a Voz, respondendo ao pedido de mais um mandamento que incentivasse pais e mães a honrar filhos e filhas, dissesse: “Para que queres tu onze mandamentos? Se o pessoal for capaz de cumprir estes dez, já te podes dar por satisfeito! Vamos mas é despachar-nos, que ainda faltam seis.” Se a Voz tivesse dito isto (ou fosse o que fosse), Moisés teria ficado petrificado, com o olhar fixo nos pedregulhos que o rodeavam. E é fácil imaginá-lo a virar as costas à Sarça-ardente, sem pedir licença nem se ajoelhar, desandando dali para fora, convencidíssimo de que tivera uma alucinação: “Qual Deus, qual o quê! ... Isto é mais é coisas da minha cabeça! ... Ai, Moisés, Moisés! A idade não perdoa!”

Naquele tempo bíblico, digamos assim, as pessoas eram muito tementes a Deus, porque ele dava ordens terríveis e aplicava castigos à medida da sua onipotência. O que era assustador, evidentemente. Se era onipotente, os seus castigos deveriam de ser inultrapassáveis. Vai daí, toca de andar na linha. Por isso, as pessoas assimilaram este mandamento a tal ponto que, ainda hoje, muitos pais e mães se sentem totalmente à vontade para atazanar a cabeça dos seus amados filhos e filhas. Por outras palavras, julgam ter permissão para lesar a descendência, pelo que o “honrar” é atirado às urtigas com a maior desfaçatez. Escudados neste mandamento exigem respeito, mas nada de retribuírem! E se, acaso, explicações lhes são pedidas para o seu comportamento unilateral, defendem-se. Justificam-se com o argumento irrefutável de que, enquanto progenitores, Deus não os mandou honrar fosse quem fosse. Aí, o pobre do filho ou da filha, se ainda lhe restar alguma saúde mental, não tem outro remédio senão meter a viola no saco e - como seria de esperar - arranjar outra casa na qual possa viver em paz.

Perante este movimento de impensável rebeldia, muitos são os pais e mães que, mobilizando a sua tendência para dominar, enveredam pela linha da repressão, mesmo que, aparentemente, a coisa pareça ser mais suave. Nalguns casos, classificáveis já no âmbito da manipulação, a situação pode até parecer mais amorosa. A prática do domínio sobre outros, porém, seja suave ou pressionante, é uma forma de compensar o frio que se instalou nas suas entranhas, de cima a baixo. Este imperialismo, digamos assim, que alguns progenitores têm vindo a exercer sobre alguns filhos e filhas, foi vivido, igualmente, ao nível das nações. Tudo teria sido bem diferente, todavia, se os invasores, armados em papás e mães dos invadidos, tivessem sido capazes de respeitar (honrar) as populações (e, principalmente, os territórios), que pretendiam acrescentar ao império. Se, hoje, a tentação do imperialismo de uma nação sobre outra já está potencialmente reduzida, o mesmo não se pode dizer do que acontece a nível individual. Aí, dentro da tão propalada sacralidade dos lares, onde se diz que deve reinar a concórdia, persiste, porém, a tendência para o controlo e a repressão. Posso admitir que isto estava mais presente no comportamento dos antigos. Sim. Mas ainda é muito comum. Mais do que seria de desejar. Na nova conjuntura vibracional e planetária, porém - há que lembrá-lo -, cada vez vai havendo menos espaço para quem insiste neste tipo de comportamento. As pessoas que

o praticam asseveram, sempre, que é em nome do amor pela descendência, que tantas alegrias lhes têm dado desde que, com tanta dor, chegaram a este mundo. Certo. Pena é não perceberem que estão a dar continuidade a um modelo de educação, cujo adiantado estado de decomposição sugere que deve ser enterrado. Rapidamente. Para não começar a cheirar mais mal do que já cheira.

Sugiro que a Alice procure, cuidadosamente, na sua maneira de ser, por algum velho impulso para dominar ou desrespeitar as escolhas alheias. Se encontrar, pergunte-se por que ainda está isso ali? Que tipo de ganho ou compensação quer alcançar com esse comportamento? Lembre-se de que uma das regras deste jogo diz que se trata de transferir a prática do poder sobre os outros, para si própria. Qualquer indivíduo que tenha aprendido a usar corretamente o seu poder, reconhece que não pode aplicá-lo sobre ninguém. Por já ter aprendido que é escusado dominar seja quem for, experimenta a tão desejava tranquilidade. Passou a lidar, saudavelmente, com o que de agradável e desagradável acontece na sua vida. Em cada momento dispõe do suficiente para fazer o que tem de fazer. Seja o que for, seja qual for o custo. Não precisa de nada mais. Quer isso dizer que, nele, a ambição já foi totalmente desativada e substituída pela intenção pura. Aquele coração transfigurado já não aloja desejos, somente aquele tipo de entrega que é sustentada por uma confiança inabalável e indestrutível. Puríssima, portanto. Naquele coração convertido a entrega não funciona com base na proteção “divina”, de cima para baixo; funciona na base da cumplicidade com aquilo a que eu chamo Anjinhos Adjuntos.

Anjinhos: Estavas com medo deste tema, por não saberes o que ias dizer. Mas, como vês, a coisa está a fluir razoavelmente.

Escritor: Não posso deixar de reconhecer que é verdade. É muito estranho. Quando começo a escrever parece-me que pouco tenho para dizer. Depois, difícil é parar.

Anjinhos: É o que faz beneficiares da nossa presença.

Escritor: Agora deu-vos para serem vaidosos?

Anjinhos: Cala-te e continua!

Não sei se já reparou, Alice, que esta coisa de “honrar pai e mãe” entra em contradição aberta com outra frase célebre que diz: “Amai-vos uns aos outros.” Então, em que é que ficamos? Se temos de nos amar uns aos outros, é claro que deixa de ser preciso que filhos e filhas tenham de honrar pai e mãe. Amar significa que não é possível desonrar. Não lhe parece que começam a fazer falta uns quantos esclarecimentos? Vou dar a minha contribuição, começando por dizer que esta temática está relacionada com o amor integral (como o arroz, que faz melhor assim) e a aceitação.

1) O amor integral

Por definição, amor integral é amor sem condições. Sem “ses” e sem “desde que”. Nele não há lugar a posturas do tipo: “Se me amas, não te vás embora”! Ou “Desde que te portes bem, a gente não se chateia.” Lindo para telenovelas; veneno para quem pretende viver saudavelmente. Muitos são os que apregoam o amor integral e dizem ser seus praticantes. Mas, depois, na prática diária, continuam na mesma: ou manipulam os outros para terem o que precisam, ou manipulam-se a si próprios, convencidos de que estão a satisfazer as suas próprias carências. Depois, é o que se vê: ninguém se entende, o ódio grassa, a raiva impera, a intolerância domina, a frustração reina, progenitores que não respeitam a descendência, que responde rosnando baixinho. Em consequência,

é vê-los a chegar, uns e outros, às consultas terapêuticas, com ou sem o manto de Trabalhadores da Luz pelas costas, ansiosos por desabafar que a sua vida está um caos. Vêm cabisbaixos, espalmados, infelizes, como se nada fossem, sentindo-se inferiores a tudo e a todos. E ali ficam, famintos de apoio, com o coração aos gritos, clamando por sossego. No palco do amor integral, porém, estes enredos não têm lugar.

Quantas mães, a abarrotar de ciúmes, esgotam a paciência dos filhos/filhas, quando, já crescidinhos, começam a namorar?

Quantos pais, a ressumar insegurança, reprimem filhos/filhas maiores, por quererem saber por onde andam, a toda a hora e a todo o instante?

Quantos, para reprimirem filhos e filhas, se servem de maquiavélicas chantagens emocionais, só para não terem de olhar para a sua velhíssima falta de autonomia?

Quantos enveredam por comportamentos doentios, convencidíssimos de que são os melhores progenitores do mundo?

Já houve um tempo em que se dizia: “Pelas obras os reconheceréis”. Por outras palavras, o grau de consciência da pessoa era avaliado pelas escolhas que fazia e, portanto, pelas ações que praticava. Não se falava de vibração. Quem falasse, era tarado. Está a chegar a fase, porém, em que temos de começar a referir não o que a pessoa faz, mas a vibração que irradia. Trata-se, portanto, de deslocar o foco dos acontecimentos e dos seus resultados observáveis para um contexto vibracional. Se antes era: “Pelas obras os reconheceréis”, não tarda vai passar a ser: “Pela vibração que sustentas te reconhecerei”. A vibração que a Alice sustenta e irradia é o que está na origem das suas escolhas e, portanto, dos seus atos. Se o elemento primordial de avaliação era o ato e não a vibração que o motivava, temos de começar a incidir a atenção na questão energética. Mas, atenção: estará você preparada para sustentar um grau de vibração que lhe permita fazer as escolhas consentâneas com a sua verdadeira natureza? Vamos deixar de lado a escolha entre o ir ou não ir, o comprar ou não comprar, o comer carne, ou peixe, ou só saladinha. Concentremo-nos, por exemplo, na forma como se relaciona com quem a rodeia. Ou seja, estamos a falar de tolerância e intolerância, o que se prende com o conceito de aceitação, acima referido.

2) Aceitação

Vamos a ver: acaso é preciso que filhos e filhas tenham de conviver com pais e mães que lhes moem o juízo? Não, senhor. É preciso honrar, mas não é preciso conviver! A Voz da Sarça (que se pôs a arder assim que Moisés chegou lá acima deitando os bofes pela boca), tinha toda a razão. Contudo, esse vozeirão (pelo menos na versão hollywoodesca) não disse tudo. Nem podia ter dito. Se desatasse a discursar, em vez de dez mandamentos teria de ditar um Tratado de Comportamento Humano. Teria sido precisa uma pedreira inteira! O que a Voz não disse (claramente por falta de tempo, dada a urgência em pôr ordem na bagunça), é que este quarto mandamento nada tem a ver com convivência. Aceitar (honrar) não implica conviver. Ou suportar. Ou aturar. A Alice, por exemplo: se honra (aceita) o seu pai e a sua mãe, não tem de deglutir toda a sorte de comportamentos desequilibrados que eles possam manifestar. Se os honra/aceita, isto é, se os ama com amor integral, tem a obrigação de lhes chamar a atenção e de os esclarecer acerca de como estão a lidar consigo. Para quê? Para que não continuem com tais despropósitos. Quanto mais depressa eles mudarem de atitude, mais depressa poderão começar a limpar o lixo gerado pela sua conduta, o qual se foi acumulando com a prática continuada!

Se ama os seus pais, decerto não os quer ver na versão humana de um tanque de retenção de esgotos. Contudo, se permitir que o desatino continue, é nisso mesmo que eles se transformarão. E não é nada bonito de se ver. Será preciso referir as doenças que acabarão por surgir em consequência desse comportamento? Consegue imaginar a bicharada que se desenvolve num tanque desse

género? Imagina o que esse caldo pode atrair, vibracionalmente falando? Tudo isso, seja físico e não físico, será a consequência inevitável da prática sistemática da negatividade e de se negarem a renovar os códigos de conduta. Se nada fizer a respeito da sua situação familiar, a Alice ganhará um lugar cativo no Carrossel dos Horrores, administrado pelos seus pais. Mais: estará a ser cúmplice do afogamento deles na mixórdia gerada pela sua mentalidade. Apego à insensatez? Talvez.

A minha função, aqui, é referir, brevemente, o que a esmagadora maioria das criaturas humanas tem feito ao longo do tempo; cabe-lhe a si anotar o resultado global. Devemos ter, todavia, o máximo respeito por todas as mentalidades. Mesmo pelas mais subdesenvolvidas. Esse respeito não nos deve impedir, porém, de chamar a atenção para o que toda a gente já deveria saber: a evidência de que os baixos graus de consciência têm o mau hábito de desembocar no apego à insensatez. A Alice não tem de se contaminar com a irradiação fedorenta emanada pelos outros. Seja quem for, inclusive pelos seus progenitores. Se quer sentir-se “limpa”, tem de se afastar de todas as fontes de contaminação. Estou em crer que essa seria a sua decisão se algum deus menor tomasse a absurda decisão de lhe polvilhar a cabeça com pó de carvão celestial. Ou, pior ainda, se fizesse chegar junto de si um dos seus primos diabretes, daqueles que adoram chatear pessoas deprimidas!

Quer isto dizer que deve abandonar quem precisa de amparo e ajuda, que é o que pais/mães, mais cedo ou mais tarde, precisam? Abrenúncio! Evidentemente que não; quer dizer que não se deve envolver em jogos de manipulação. Se sentisse que estava a ser manipulada por outra pessoa qualquer, num contexto extrafamiliar, acaso não trataria de alterar o rumo dos acontecimentos? Então, por que haverá de abrir uma exceção para os seus pais? Honre, respeite, ame, acarinhe, apoie o seu pai e a sua mãe. Leve-os ao hospital e ao restaurante, à praia e ao cinema. Mas não entre no jogo deles. É fácil de dizer, não tão fácil de fazer. Eu sei. Mais cedo ou mais tarde, porém, é provável que venha a ter de dar alguma atenção a este tema.

Anjinhos: Bom, Vitorino, vê lá se paras.

Escritor: Mas... Eu não estou cansado.

Anjinhos: Não estás tu, mas está a Alice, certamente. Ela não é o teu pai nem a tua mãe. Bem podias honrá-la, respeitando a sua capacidade de concentração e assimilação.

Escritor: Eu não obrigo ninguém a ler tudo de seguida.

Anjinhos: Pois não. Mas tu já sabes como ela é: entusiasma-se e, depois, acaba por ficar cansada. Bem podias ter um pouco de compaixão.

Escritor: Compaixão?

Anjinhos: Claro! Compaixão quer dizer identificação. Se sentires compaixão pela Alice, identificas-te com ela, principalmente se a situação dela já foi experimentada por ti. Tu sabes do que se trata. Considera o nosso caso. Nós sentimos uma profunda compaixão pela raça humana, porque nos identificamos com ela. Não somos iguais, é certo. Mas trabalhamos para o mesmo fim, embora com funções diferentes e em condições diversas. É essa distinção de condições que diferencia o comandante mergulhador, que ficou “em cima”, no barco, do seu amigo que mergulhou para trabalhar “em baixo”. Estão em situações distintas, respiram misturas gasosas diferentes, têm uma liberdade de movimentos diferente e estão rodeados de condições diversas. São, no entanto, dois companheiros de missão, cada qual fazendo a sua parte. E é por sentirmos compaixão

pelos Humanos que aceitamos incondicionalmente as suas escolhas, até quando se trata de fazerem mal a eles próprios. Logo, tu, que passas a vida a dizer que queres ser como nós, devias fazer o mesmo em relação à Alice.

Ouviu o que os meus Anjinhos disseram, Alice? Não lhe parece que estão a implicar comigo? Deixe-os falar! Coitados, é a sua forma de me ajudarem!

O que falta saber é se você aceita a ajuda dos seus Anjinhos Adjuntos na forma como lida com os seus pais. Com ajuda ou sem ajuda, não tenha receio de fazer o que entende que deve ser feito. Estou convencido de que, faça o que fizer, não magoará nem desiludirá nenhum deles. Ah! Mas pode acontecer que eles venham a sentir-se magoados. Sabe porquê? Porque acharão que estão a ser atacados, embora a Alice se limite a estimulá-los a sair do atoleiro onde se encontram. Pondo-se na defensiva, os seus amados pais poderão, por exemplo, atirar-lhe à cara o que têm vindo a fazer por si, acusando-a de ser ingrata. O que vai você fazer, se tal acontecer? Posso dar-lhe uma sugestão? Aceite que eles não estão em condições de reagir de outra maneira ao seu comportamento. Aceite-os tal como eles são. Brinque com o assunto, reconhecendo que ninguém consegue mudar de mentalidade de um dia para o outro. Às vezes, nem de vida para vida! Só depois de se ter posicionado amorosamente perante os acontecimentos, é que deve começar a pensar em alterar a situação. Nessa altura, evite expor as suas razões como se estivesse diante do inimigo; apresente-as calma e docemente. Afinal, se vir a coisa de certa maneira, está diante de dois pingos do oceano ao qual também você pertence. Será capaz de se lembrar desta recomendação?

Por conseguinte, “honrar” também é sinónimo de aceitar. A aceitação, seja em relação a pai, a mãe, ou qualquer outra pessoa, tem de ser praticada nos termos em que foi explicada: primeiro, acolha serenamente aquilo com que não concorda; só depois trate de alterar a situação. Em nome da sua saúde, tem todo o direito de o fazer!

3º Mandamento

Guardar para a religião domingos e dias de festa